

## OS ATRAVESSAMENTOS DA HOMOFOBIA NO CONTEXTO FAMILIAR: A HETERONORMATIVIDADE EM INTERFACE COM A PSICOLOGIA

### **Isaac Marlon Vasconcelos do Nascimento**

*Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO, presidente da LASID – Liga Acadêmica de Saúde Integral para a Diversidade, formando em Gestalt-terapia e em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Clínica Diálogos, isaac.8115@hotmail.com;*

### **Francisco Francinete Leite Júnior**

*Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP, francinetejunior@leaosampaio.edu.br;*

### **Resumo**

Atualmente, o ambiente familiar ainda tem sido fonte de sofrimento e angústia por partes de homossexuais, os quais estão em contato com um ambiente de padrão heteronormativo. Dessa forma, a presente pesquisa objetiva entender quais os impactos e atravessamentos da homofobia fixada no contexto familiar a partir de uma visão científica psicológica. Metodologicamente, usou-se dos buscadores Scielo, Science Direct, PubMed, Google Acadêmico (Scholar Google) e periódicos da CAPES para dados científicos com marcadores homofobia, heteronormatividade, contexto familiar e psicologia, primeiramente de forma separada e em seguida usando de dois em dois marcadores ligados, englobando todos os apresentados para que haja uma conversa dentre eles, proporcionando assim uma pesquisa bibliográfica de caráter mais investigativo. A pesquisa resultou em atravessamentos causadores de bastante sofrimento psíquico, suicídio,

surgimento de diversas psicopatologias graves em homossexuais presentes num ambiente familiar o qual pode ser considerado opressor. Considera-se então a importância da Psicologia para o cuidado e acolhimento tanto do homossexual que sofre e recebe estes impactos como também da família heteronormativa.

**Palavras-chave:** Homofobia, Heteronormatividade, Contexto Familiar e Psicologia

## Introdução

Para que se inicie a presente pesquisa, é necessário primeiramente discutirmos a ideia central dos marcos presentes nos achados, que é a ideia de Homofobia, que de acordo com Daniel Borrilho (2009, p. 15) é uma atitude de hostilidade para com homossexuais, e que assim como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, a homofobia visa colocar gays e lésbicas numa qualificação como anormal, inferior o contrário. Podemos entender essa qualificação a partir da proposta de Abjeção, que é o espaço da dessemelhança e da não-identidade. Apontar o monstruoso, o abjeto, funciona como um poderoso aliado do que Foucault chamou de sociedade panóptica, na qual comportamentos polimorfos são extraídos do corpo dos homens mediante múltiplos dispositivos de poder (SILVA, 2000, p.46).

A homossexualidade, aqui, no que diz respeito à ideia do termo “homossexual” (e seus derivados) será tratado como significativo de homens e mulheres cuja sexualidade e/ou afetividade principal se orientada para pessoas de seu mesmo sexo biológico, como diz Silva Júnior (2004), que em seu estudo estudou historicamente o discurso da homossexualidade. Essa orientação sexual será abordada neste estudo enquanto fato consumado, que não precisa de justificação biológica, psicológica ou social, tal como sugerido por Trevisan (2002). Tais homossexuais crescem e se desenvolvem em ambientes heteronormativos, isso Foucault (1977) explica pelo fato de a sexualidade ser um instrumento de poder, onde existem sexualidades dominantes e sexualidades que são dominadas. No caso da heteronormatividade, entende-se como a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, a qual é sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). (FOSTER, 2001, p. 19) Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19).

No tocante ao contexto familiar, notando-se já o tocar dessa instituição acima quando Foster (2001) apresenta a ideia de heteronormatividade, Georges Duby (apud Ariès, 1981, p. define como o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os

períodos de enfraquecimento do Estado. Lévi-Strauss (1956, p.34) fala que socialmente existe um modelo ideal de família, que deve ter sua origem no casamento; deve ser constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união; e os membros da família estão unidos entre si por (a) laços legais, (b) direitos e obrigações econômicas e religiosas ou de outra espécie, (c) um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade variada e diversifi cada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo e outros.

Mediante os marcadores acima: o marcador de homofobia, homossexualidade e heteronormatividade, o contexto familiar; percebe-se que são temais os quais a psicologia se debruça. Uma Psicologia que deve ser crítica, e ter essa visão crítica se faz um compromisso ético do psicólogo, sendo um princípio fundamental (CÓDIGO DE ÉTICA DO PSICÓLOGO, 2005), e uma psicologia que consciencializa as dificuldades “em lidar com as diferenças e com a existência do Outro de uma forma celebrativa em vez de opressiva” (Sampson, 2000, p.5), que corrobora com a ideia de Carneiro (2004), que fala de uma Psicologia que se coloque contra a violência de inexistir e a favor da diversidade humana. Assim, aqui objetivamos entender quais os impactos e atravessamentos da homofobia fixada no contexto familiar a partir de uma visão científica psicológica, sendo este um objetivo de extrema relevância para as pesquisas em psicologia, pois como já apresentado o princípio ético acima, também pode-se colaborar com uma psicologia que exalte a diversidade humana, especificamente a diversidade sexual dentro de diversas instituições, como o caso da família.

## Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, sendo uma revisão de literatura narrativa, objetivando proporcionar ao pesquisador e ao leitor uma maior familiaridade com o problema em estudo. Este modelo de pesquisa tem como foco tornar um problema complexo mais explícito ou mesmo construir hipóteses mais adequadas. A realização das buscas foram realizadas entre junho e agosto de 2020, utilizou-se as bases de dados Scielo, Science Direct, PubMed, Google Acadêmico (Scholar Google) e periódicos da CAPES, onde ocorreu uma seleção criteriosa no que diz respeito a obras utilizadas para o desenvolvimento desta revisão. Com os descritores utilizados de modo

associado e isolados foram: “Homofobia”, “Heteronormatividade”, “Contexto Familiar”, e “Psicologia”, estes marcadores foram colocados para busca primeiramente separados, proporcionando ao pesquisados um contexto mais geral do tema, e após uma leitura minuciosa sobre as temáticas os quais se tratavam, buscou-se pelos marcadores juntos de dois em dois: “homofobia e heteronormatividade”, “homofobia e contexto familiar”, “homofobia e psicologia”, e assim buscou-se com os demais marcadores. Maioria dos artigos usados são em português. Foi selecionado pelo pesquisador um total de 260 periódicos para depois mesclar questões específicas dentre eles com a necessidade que fosse surgindo de menção na pesquisa.

## Referencial teórico

As principais discussões teóricas, no que diz respeito aos achados do tema proposto por esta pesquisa, embasa-se primeiramente nas ideias já citadas acima na introdução que são ideias bases para que haja uma associação genuína dentre a ideia principal. O autor Daniel Borrilho (2009) surge inicialmente com os estudos sobre homofobia, podendo então ser analisado com a perspectiva de abjeção de Tomás Tadeu da Silva (2000). Adentrando na perspectiva da homossexualidade foi trazido como base Silva Júnior (2004) e Trevisan (2002) que buscam para além de uma conceituação, uma ideia dessa perspectiva sem que haja uma rotulação da orientação. Foucault (1997) abre o campo para o entendimento sobre heteronormatividade, afirmando existir uma zona de poder no que diz respeito à sexualidade, tanto é que o mesmo faz um estudo genealógico estudando historicamente a sexualidade, abrindo margens para que Foster (2001), que traz o conceito de heteronormatividade como já apresentado na introdução.

Com a discussão que Foster (2001) abre, pode-se pensar sobre a instituição da família como também presente enquanto ambiente heteronormativo, pois além de citar a responsabilidade de diversas instituições, é trago em suas ideias a base familiar enquanto heteronormativo. Dessa forma, surge a necessidade de entender o percurso social da família que é mencionado por Ariès (1986), em sua perspectiva sobre história social da criança e da família. Lévi-Strauss (1956) é outro autor que surge com a necessidade da pesquisa para que seja trago à tona a ideia social de família. Percebendo a importância das três dimensões acima, vários autores aparecem trazendo

uma discussão importante sobre o objetivo dessa pesquisa. Schulman (2010) traz um viés bastante interessante sobre homofobia familiar, mostrando que a homofobia familiar pode se tornar uma opressão dolorosa determinante na vida da pessoa gay, ela ainda fala diversas outras questões como a dificuldade de auto-reconhecimento, e de como as conquistas gay são menos valorizadas do que as conquistas de heterossexuais na família, a autora ainda levanta diversas questões que ocupariam diversas páginas de forem citadas aqui.

Outros autores como Perucchi, Brandão e Vieira (2014) também é um presente e necessário referencial teórico no que propõe-se esse debate, trazendo uma discussão importantíssima sobre “Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays”. Toledo e Filho (2013) trazem uma reflexão que inclui historicamente o dispositivo da sexualidade no contexto familiar como guardião da normatividade, a ideia de heteronormatividade também se faz bem presente no que objetiva o estudo deles intitulado “Homofobia Familiar: abrindo o armário entre ‘quatro paredes’”, já Rodrigues (2006) traz uma perspectiva de homofobia como sintoma da família. Além disso diversos outros teóricos importantes encontrados pelo autor são de extrema de relevância para a compreensão final desta pesquisa que é feita a partir de uma visão da psicologia, a partir da ideia de psicologia crítica mencionada por Sampson (2000), e com a psicologia que celebre a diversidade mencionada por Carneiro (2013), que defendem cientificamente um psicologia contra a violência de inexistir e que defenda as diferenças, sendo este também um posicionamento ético do Psicólogo, surgindo também como referencial base o Código de Ética do Psicólogo (2005).

## Resultados e discussão

Feito uma conversa dentre os periódicos achados, especificamente os encaixados nos parâmetros dessa pesquisa, encontrou-se diversos impactos e atravessamentos da homofobia no contexto familiar, tragos por diversos autores que são colocados aqui em pauta. Sarah Schulman (2010, p. 70), diz que homossexuais são punidos no interior da estrutura familiar, mesmo que nunca tenham feito nada de errado, ainda segundo a autora essa punição tem consequências dramáticas tanto nas nossas experiências sociais quanto em nossas relações de maior confiança, as relações afetivo-sexuais. Aqui já percebe-se um

atravessamento punitivo sofrido por homoafetivos apenas por serem como são. Vale ressaltar que de acordo com Hersch (1991) citado por Sanders (1994, p. 228), jovens gays e lésbicas estão três vezes mais propensos a tentar o suicídio que os jovens heterossexuais.

Schulman (2010) diz que as formas de expor a homofobia na base familiar não são tão nítidas e explícitas, ela até menciona que produziu seu estudo num momento onde as pessoas diriam “isso já está mudando”, sendo que ela menciona atitudes que comprovam uma homofobia que é astuta, muito velada mas que pode trazer muito sofrimento. Daniel Borrillo (2009), em seu livro “A Homofobia”, diz que:

A homofobia é um fenômeno complexo e variado. Podemos entrevê-la em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais, chegando inclusive à exterminação, como foi o caso na Alemanha nazista. Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária, e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica. Se seus atos sexuais e afetivos são tidos quase como crimes, então seu lugar natural é, na melhor das hipóteses, o ostracismo, e na pior, a pena capital, como ainda acontece em alguns países. Considerado um doente, ele é objeto do olhar clínico e deve se submeter a terapias que a ciência lhe recomenda, em especial os eletrochoques utilizados no Ocidente até os anos 1960. Se as formas mais sutis de homofobia denotam uma tolerância em relação a lésbicas e gays, isso só é feito atribuindo-se a esses sujeitos um lugar marginal e silencioso, ou de uma sexualidade considerada incompleta ou secundária. (BORRILHO, 2009, p. 18)

Pode-se perceber a complexidade e variabilidade da homofobia no contexto familiar, Mason (2002) diz que mantem-se culturalmente uma forma de fidelidade familiar que, para além de relativo ao carinho natural que sentimos pelos membros de nossa família. Por outro, é uma lealdade inconsciente que nos faz ser fiéis aos modos de comportamento da família de forma quase automática, fazendo-nos manter segredos com a ausência de perguntas e pelo ‘não falar’ a respeito

de certo assunto. Castañeda (2007) quando fala desses homossexuais não aceitos, diz que “não é apenas o parceiro que é anulado: trata-se de uma negação pura e simples dos sentimentos, das necessidades afetivas, e da vida cotidiana e social do filho ou da filha homossexual” (pp. 117-118). Outro impacto presente no contexto familiar é a desqualificação da autoridade da pessoa homossexual de falar de sua sexualidade, infantilizando-a e tomando para si a competência de falar sobre o desejo do filho, falas como “Você não é assim!”; “Você está passando por uma fase!; Você ainda não teve experiências heterossexuais o suficiente para ter certeza” (Toledo, 2013, p. 357). a sexualidade se torna algo guardado pela família, onde seus integrantes detêm o direito de questionar e/ou julgar a maneira como os demais passam a vivenciar seus desejos eróticos (DONZELOT, 1986)

A homofobia também está em intersecção com o patriarcalismo; Crenshaw (1994, p. fala de interseccionalidade, que focaliza, sobretudo as intersecções da raça e do gênero, abordando classe e sexualidade. Em síntese, Silma Birge diz que:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70).

Dessa forma, podemos dizer que a questão de gênero também tem conectividade e se intersecciona com a problemática da sexualidade. Narvaz e Koller (2006) possuem um estudo sobre Família e Patriarcado, mostrando como estes dois conceitos estão intimamente interligados, expondo que a família é uma instituição onde o patriarcalismo está inserido, eles percebem isso quando mencionam a prescrição normativa a subversão criativa, algo que também traz bastante impacto ao homossexual, principalmente os próximos do feminino, é o que diz Moura, Nascimento e Barros (2017), em seu estudo que diz “O problema não é ser gay, é ser feminino”.



Segundo Foucault (2004), as relações homoafetivas não apenas subvertem a regra sexual, pois o homoerotismo não é apenas composto de práticas sexuais, mas também subvertem a lei dos relacionamentos e do amor, da composição e da conjugalidade e, assim, da família, o que causa uma não aceitação da união homossexual, bem como da homoparentalidade (família formada por casal homossexual).

A família homofóbica segundo Rodrigues (2006) muitas vezes, elege um membro da família como sendo o “problema”. Claro está que o “problema” não é o paciente identificado, ou pelo menos não é só ele o “problemático” mas, os padrões de interações desta família. Quando eles falam da homofobia enquanto sendo um sintoma da família, eles falam do problema não estar naquele homossexual, mas referem-se à questões mal-resolvidas em membros dessa família, o que pode ser também corroborado por Sarti (2004) que defende a ideia de que quando a homofobia é encontrada dentro da família, pode ser um indicativo de que membros da família não estão preparados para lidarem com seus próprios “demônios” referentes à questão da sexualidade, e que os mesmos são homossexuais, mas sim que há lacunas em seus desejos não resolvidos ou não conhecidos na subjetividade individual, o que traz como resultado também à presente pesquisa, a necessidade de acolhimento não só ao homossexual, mas à família que a homofobia enquanto um sintoma.

Toledo (2013) destaca a possibilidade de cortar relações com a família sendo um dos eventos mais deprimentes e estressantes entre os homossexuais em seu processo de descoberta e autoaceitação. Borrillo (2010) traz a tona o termo “homofobia liberal”, sendo um preconceito mascarado que é lançado pelos familiares e/ou ciclos sociais mais próximos, onde demonstrado uma aceitação e respeito que não condizem com o pensamento e comportamento dispensado em relação ao indivíduo homossexual. Schulman (2010) diz que essa forma de apresentar da homofobia está fundamentada na ideia de que o homoafetismo não é legítimo, assim, o homossexual passa a ser tolerado ao mesmo tempo em que o mesmo anulado.

Como pode ser percebido nos resultados e em diversos autores que aparecem, a homofobia na família e que nem sempre é explícita, traz diversos atravessamentos e impactos psicossociais não só ao homossexual, mas também à família que carrega consigo um sintoma estrutural e que também precisa de acolhimento. Ressalta-se também que há a hipótese desse sofrimento ter se intensificado ainda mais

devido à pandemia da covid-19, o presente problema de saúde que assolou os lares da humanidade e que inseriu a população homoafetiva em contato com o “ficar em casa”, onde talvez estejam familiares, pois como é também uma perspectiva traga pelos autores acima, quando o gay, lésbica ou bissexual não possui um acolhimento genuíno de sua família, diversas instituições e ambientes lá fora ocupam este espaço. Assim pode-se dizer que a pesquisa “passou o pincel” muito bem em seus objetivos de debater de forma científica a problemática trazida à tona.

## Considerações finais

Mediante os fatos elencados, pode-se dizer que para com estes sujeitos homoafetivos a família “não funciona como uma rede de apoio significativa para esses(as) jovens que, na maioria das vezes, conta apenas com amigos e/ou amigas para dividir as suas experiências e dificuldades” (Perucchi, Brandão, Vieira, 2014, p. 71). Dessa forma, se faz importante a presença da psicologia neste debate sobre a família, sobre a sexualidade, sobre institucionalização e dispositivos de poder, sendo essa uma problemática social causadora de extremo sofrimento e de até mesmo suicídio, como enfatizado nos resultados desse estudo. Aqui podemos citar também outro fator importante que surgiu como resultado: a necessidade do acolhimento psicológico e da compreensão também destes membros da família que são homofóbicos, já que diversos autores apresentados acima trazem a perspectiva da homofobia ser um problema presente no homofóbico e não no sujeito que é como é.

Assim como cita Sanders (1994), diversos cuidados devem ser tomados pelo terapeuta na clínica com pessoas não heterossexuais. Podemos dizer, seguindo a óptica do autor, que o terapeuta deve ajudar estas pessoas a refletirem positivamente sobre suas experiências e relações com sujeitos do mesmo sexo, dando apoio para o paciente reelaborar a negatividade de sua homossexualidade para uma positividade, tendo uma posição ativista sobre si e sobre sua causa. Ainda assegurando-se no autor, o terapeuta deve convocar os pacientes homossexuais para a sustentação à vida, ajudando-os a enxergarem a si mesmos como atravessados por ideias inculcadas de discriminação, homofobia e desigualdades de gênero e convidar estes pacientes

a externalizarem seus sentimentos e pensamentos homofóbicos interiorizados.

São diversas as formas de manifestação da homofobia dentro do contexto familiar, como foi exposto algumas nos resultados desta pesquisa, que podem ir desde um xingamento, uma agressão, até formas mais astutas e não tão explícitas como culpar o sujeito homossexual por coisas pelas quais o mesmo não fez, não deixando nítido que a causa principal é que o familiar ainda não suporta lhe dar com a sexualidade que ele acredita não ser o certo, não corresponde ao padrão e que ele acha que ainda há possibilidade de mudar.

Para a comunidade científica é importante que hajam pesquisas de cunho político que reforcem o extermínio da exclusão, pois como Foucault (2010) nos remete em seus estudos genealógicos sobre a loucura, a ciência e a psiquiatria já formam patologizadores da subjetividade humana, o movimento da grande internação é um exemplo disso. A psicologia também tem uma dívida social muito forte, muito das produções de saberes da psicologia na época da ditadura militar posicionam-se a partir de uma pretensa razão sobre o mundo e através de uma suposta neutralidade, negligenciando as experiências espontâneas e imprevisíveis do cotidiano, assim esta psicologia foi tomando distância da política em nome de uma postura que minimizava a valorização das singularidades no processo de produção do conhecimento (COIMBRA; NASCIMENTO, 2001). Dessa forma, como atual posicionamento ético da psicologia, e como também uma forma de promover uma bioética, a presente pesquisa surge para que o psicólogo, assim como também profissionais da saúde, e das ciências humanas e sociais, em seu compromisso com a promoção de vidas e relações saudáveis, esteja informado sobre seus posicionamentos para com os atavessamentos do contexto familiar homofóbico.

## Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1986.

BILGE, SIRMA. “Théorisations féministes de l’intersectionnalité”. **Diogène**, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARNEIRO, N. S. Contra a “violência de inexistir”: psicologia crítica e diversidade humana. **Psicologia & Sociedade**; v. 25, n. 1, p. 40-47, 2013.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, agosto de 2005.

COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. O Efeito Foucault: Desnaturalizando Verdades, Superando Dicotomias. **Psic.: Teor. e Pesq. [online]**, v. 17, n. 3, p. 245-248, 2001.

CRENSHA, W; KIMBERLÉ, W. (1994), “Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color”. In: Fineman, Martha Albertson & Mykitiuk, Roxanne (orgs.). The public nature of private violence. Nova York, Routledge, pp. 93-118. [Também em Stanford Law Review, 43 (6): 1241-1299, jul. 1991; em francês, “Cartographies des marges: intersectionnalité, politique de l’identité et violences contre les femmes de couleur”. Cahiers du Genre, n. 39, 2005, pp. 51-82.

CYNTHIA, A. S. A Família como Ordem Simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n.1, p. 11-28, 2004.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOSTER, D. W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, n. 22, 2001.

FOUCAULT, M. (2004). **Sexualidade e solidão**. In M. B. da Motta (Org.), Michel Foucault: ética, sexualidade, política (pp. 92-103). Rio de Janeiro: Forense Universitária

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saher**. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, MICHEL. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 9. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **A família**. In: SHAPIRO, H. L. Homem, cultura e sociedade. São Paulo: Fundo de Cultura, 1956.

LIONÇO, T. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio** / Tatiana Lionço; Debora Diniz (Organizadoras). Brasília: LetrasLivres : EdUnB, p. 196. 2009.

MASON, M. J. **Vergonha: reservatório dos segredos na família**. 2002. In E. ImberBlack (Org.), Os segredos na família e na terapia familiar (pp. 40-54). Porto Alegre: Artmed. 2002

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P; BARROS, D.F. O Problema Não É Ser Gay, É Ser Feminino: O Gay Afeminado E As organizações. Farol. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 11, 2017.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S.H. “Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa”. **Psicologia & Sociedade**, v.18, n. 1, p. 49-55; 2006.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 1-88, 2014.

RODRIGUES, A. A homofobia como sintoma na família. Universidade de Estadual Paulista. 2006. Disponível em: [http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais do XIX encontro/71 aretusa de paula rodrigues.pdf](http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais%20do%20XIX%20encontro/71%20aretusa%20de%20paula%20rodrigues.pdf).ENCONTRO/71\_ARETUSA\_DE\_PAULA\_RODRIGUES.pdf. Acesso em 23 de fevereiro de 2021

SAMPSON, E. On rainbows and differences. In T. Sloan (Ed.), **Critical psychology: Voices for change**, p. 1-5, 2000.

SARTI, C. A. **O jovem na família: o outro necessário**. In R. Novaes & P. Vannuchi (Org.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**, v. 5, p. 67-78, 2010.

SCHULMAN, SARAH. *Familial homophobia: an experience in search of recognition*. In: *Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences*. New York: The New Press, 2009.

SILVA JÚNIOR, J. L. GUEI: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 2. sem. 2004, 97 fls. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

SILVA, T. T. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOLEDO, L. G. **“Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. 2013. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Assis), 2013

TOLEDO, L. G.; FILHO, F. S. T. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’ **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2002.